

Moisés, o Libertador

Antigamente, em quase todas as pequenas cidades do interior, invariavelmente, existia um cinema, por pequeno que fosse, pois era o único meio de diversão do povo. Hoje, o cinema foi substituído pela TV. Antes, saíamos sempre para ir ao cinema; atualmente, ficamos em casa defronte à “máquina de fazer doido”, horas e horas a fio.

Foi nesse tempo que tivemos a oportunidade de assistir a um filme que contava a história de Moisés. Ficamos deveras impressionados com este personagem, pois, ao que tudo parecia, tinha mesmo parte com Deus, tantos os prodígios que fazia em nome Dele. Filme épico, que mostrava a história do povo hebreu, escravo no Egito, sendo libertado por esse nosso personagem.

Criado no palácio real, teve uma formação cultural comum somente à nobreza. Devia ter conhecimento de todos os segredos que eram reservados somente aos iniciados.

Mas, sempre ficamos a questionar se foi realmente verdadeira a história, que assistíramos boquiabertos. Hoje, querendo descobrir algo sobre este nosso herói, fomos pesquisar na Bíblia, a sua vida, para responder alguns questionamentos que nos saltaram à mente.

A história de Moisés é lenda?

Em Ex 2,1-4, lemos:

“Um homem da família de Levi casou-se com uma mulher de seu clã. A mulher concebeu e deu à luz um filho. Vendo que era um lindo bebê, guardou-o escondido durante três meses. Não podendo escondê-lo por mais tempo, pegou uma cestinha de papiro, calafetou com betume e piche, pôs nela a criança e deixou-a entre os juncos na margem do rio. A irmã do menino postou-se a pouca distância para ver o que lhe aconteceria”.

Encontramos a seguinte explicação para esta passagem:

O relato do nascimento e salvamento de Moisés se assemelha à lenda contada a respeito de Sargão, o conquistador da Mesopotâmia (3º milênio AC). Nascido de pai desconhecido e de uma mãe que o abandonou nas águas do Eufrates numa cesta de vime calafetada com betume, foi salvo e criado por um jardineiro real. Depois, amado pela deusa Istar, se tornou rei durante 56 anos. Lendas semelhantes contam-se sobre a origem de Ciro, rei da Pérsia, e de Rômulo e Remo, fundadores de Roma. Com recurso a um tal clichê literário Moisés é colocado entre os grandes personagens da história. (Bíblia Vozes, p. 97) (grifo nosso).

Veja bem: se o relato do nascimento e salvamento de Moisés se assemelha a uma lenda e que lendas semelhantes contam-se a respeito de outras pessoas, podemos concluir que, por esse pensamento, a história de Moisés é também uma lenda.

Quem lhe apareceu na sarça?

Para responder esta questão teremos que recorrer ao que consta narrado em Ex 3,1-6:

“Moisés... chegou ao monte de Deus, o Horeb. Apareceu-lhe o anjo do Senhor numa chama de fogo no meio de uma sarça. ...Moisés se aproximava para observar e Deus o chamou do meio da sarça: ...Moisés cobriu o rosto, pois temia olhar para Deus”.

Ora, as passagens abaixo não dizem a mesma coisa:

At 7,30: *“Passados quarenta anos, um anjo apareceu a Moisés no deserto do Monte Sinai, entre as chamas da sarça ardente”.*

At 7,35-36: *"... Moisés... Mas Deus é que o enviou como guia e libertador, por meio do anjo que Ihe apareceu na sarça. Então, o anjo conduziu o povo para fora, realizando milagres e prodígios no Egito, no Mar Vermelho e no deserto, durante quarenta anos"*.

At 7,38: *"Foi ele quem... foi mediador entre o anjo que Ihe falava no Monte Sinai..."*.

Afinal, quem apareceu a Moisés, foi o próprio Deus ou foi um dos seus anjos?

Falava face a face com Deus ou não?

Vejamos em Ex 33,11: *"O Senhor se entretinha com Moisés face a face, como um homem fala com o seu amigo"*.

Mas, em outra passagem se diz que ninguém poderá ver a face de Deus e continuar vivo, conforme consta em Ex 33,20: *"Mas, ajuntou o Senhor, não poderás ver a minha face: pois o homem não me poderia ver e continuar a viver"*.

E, mais importante ainda, o próprio Jesus afirma que *"ninguém jamais viu a Deus"* (Jo 1,18).

Então, o que será que realmente aconteceu?

Era um mago ou um profeta?

Os prodígios que Moisés fez, nos colocaram essa dúvida; vejamos as narrativas:

Ex 7,10-12: *"... Moisés e Arão ...fizeram assim como o SENHOR ordenara; e lançou Arão a sua vara diante de Faraó, e diante dos seus servos, e tornou-se em serpente. E Faraó também chamou os sábios e encantadores; e os magos do Egito fizeram também o mesmo com os seus encantamentos. ..."*

Ex 7,19-22: *"Disse mais o SENHOR a Moisés: Dize a Arão: Toma tua vara, e estende a tua mão sobre as águas do Egito,... E Moisés e Arão fizeram assim como o SENHOR tinha mandado; e Arão levantou a vara, e feriu as águas ...e todas as águas do rio se tornaram em sangue, ...Porém os magos do Egito também fizeram o mesmo com os seus encantamentos;..."*.

Ex 8,1-3: *Disse mais o SENHOR a Moisés: Dize a Arão:... E Arão estendeu a sua mão sobre as águas do Egito, e subiram rãs, e cobriram a terra do Egito. Então os magos fizeram o mesmo com os seus encantamentos, e fizeram subir rãs sobre a terra do Egito.*

Se Moisés já havia transformado as águas do rio em sangue, como é que os magos do faraó fizeram o mesmo? É o que queremos saber e ainda não encontramos uma resposta lógica para isso.

Estas passagens descrevem o cumprimento da determinação de Deus por Moisés e seu irmão Arão, para convencerem o Faraó a deixar o povo hebreu partir, liberto da escravidão, em busca da Terra Prometida.

Ao analisá-las, ficamos numa dúvida cruel. Ora, se os magos do Faraó também conseguiram fazer essas proezas que Moisés e Arão fizeram, de duas uma: ou teremos que admitir que o deus do Faraó era tão prodigioso, que conseguia fazer tudo quanto o Deus de Moisés fez, ou deveremos entender que Moisés e Arão eram, na verdade, magos, iguais aos que acompanhavam o Faraó, já que eles conseguiram produzir esses mesmos fenômenos.

A primeira hipótese é absurda, pois há um só Deus. Assim, teremos que, inevitavelmente, ficar com a segunda, ou seja, somos constrangidos a admitir que Moisés e Arão eram magos; isso se não formos daqueles que o fanatismo cega. Se bem que pelos textos, quem produziu os fenômenos foi somente Arão; Moisés era apenas um espectador. Admitindo isso, estas passagens se conflitam com a determinação contida em Dt 18,9-12, que, entre várias coisas, Deus proibia a magia. E aí, quem consegue sair desse dilema, sem usar qualquer tipo de apelação?

Você, meu caro leitor, poderá até ponderar que essa determinação é posterior aos acontecimentos narrados. É um fato, e não temos como contestar; entretanto, também não temos como admitir Deus mudando de opinião, pois, para nós, Ele é imutável, e todas as Suas determinações são para todos os tempos e povos, a exemplo de: *“Não matarás”, “Honrar pai e mãe”, “não furtarás”, ou o “não adulterarás”!*

Realizou milagres?

Mas, e os tais milagres realizados por Moisés, de que tanto se fala, ocorreram ou não? Para buscar a resposta, vamos ver as narrativas:

Ex 14,21-22: *“Moisés estendeu a mão sobre o mar, e durante a noite inteira o Senhor fez soprar sobre o mar um vento oriental muito forte, fazendo recuar o mar e transformando-o em terra seca. As águas se dividiram, e os israelitas entraram pelo meio do mar em seco, enquanto as águas formavam uma muralha à direita e outra à esquerda”.*

A explicação para essa passagem está da seguinte forma:

A descrição da **passagem pelo mar Vermelho** corresponde a um fenômeno de **ordem natural**, como o sugere a menção do ‘vento forte’ que põe o mar, isto é, uma região pantanosa, em seco. Tal fenômeno foi providencial para salvar os israelitas e fazer perecer os egípcios: de madrugada as condições climáticas foram favoráveis à passagem segura dos israelitas; de manhã mudaram bruscamente e os egípcios pereceram. Nisto Israel viu a mão providencial de Deus, expressa pela nuvem e pelo fogo, pelas águas que formaram alas para os israelitas passarem e pela vara milagrosa de Moisés. (Bíblia Vozes, p. 99) (grifo nosso).

Assim, podemos concluir, que, na realidade, a passagem do Mar Vermelho, quando o mar abriu-se em duas muralhas, é, nada mais nada menos, que um fenômeno de ordem natural. Mas, por que ainda continuam a afirmar que se trata de um milagre?

Vejamos agora a narrativa de Ex 16,13: *“De tarde, realmente veio um bando de codornizes e cobriu o acampamento;...”*.

A explicação dada a essa passagem foi: *“As codornizes são aves migratórias que, duas vezes por ano, aparecem em abundância na península do Sinai, tanto no Golfo arábico como na costa mediterrânea. Exaustas do longo voo, podem ser facilmente apanhadas”.* (Bíblia Vozes, p. 99)

Nós aqui de Minas Gerais, diríamos: Uai! Então não foi milagre? Não entendemos porque ainda continuam dizendo que foi.

Outra passagem para análise é a seguinte:

Ex 16,14-15: *“Quando o orvalho evaporou, na superfície do deserto apareceram pequenos flocos, como cristais de gelo sobre a terra. Ao verem, os israelitas perguntavam-se uns aos outros: ‘Que é isto?’, pois não sabiam o que era”.*

Explicam-nos que:

Da pergunta ‘que é isto?’, em hebraico man hú, a etimologia popular fez derivar o nome de maná. O **maná é o produto da secreção de certos insetos que se alimentam da seiva de uma variedade de tamareira do deserto.** Em forma de gotas de orvalho, o maná cai no chão donde é ajuntado, peneirado e guardado para servir de alimento. Os árabes ainda hoje chamam a essa substância açucarada, man. (Bíblia Sagrada Vozes, p. 99). (grifo nosso)

Nooooossa! Então o maná também não foi um milagre.

Essa ocorrência, como as anteriores, são simples fenômenos de ordem natural. Como explicar que os teólogos sempre disseram que todas elas são milagres?

Ficamos a pensar quantas outras coisas que estão na Bíblia podem ser apenas fenômenos naturais, vistos, pelos conhecimentos da época, como milagres.

Desculpe-nos, caro leitor, se transferimos a você as nossas dúvidas.

Paulo da Silva Neto Sobrinho
Abril/2002. (revisado jan/2007)

Referências bibliográficas:

Bíblia Sagrada, Editora Vozes, Petrópolis, RJ, 1989, 8ª edição.

Bíblia Sagrada, Editora Ave Maria, São Paulo, SP, 1989, 68ª edição.